

Agências em torno da cultura alimentar ecológica: possibilidades para uma análise do empírico

PATRÍCIA POSTALI CRUZ¹; FRANCISCO PEREIRA NETO²

¹ Universidade Federal de Pelotas; Programa de Pós-Graduação em Antropologia; Bolsista CAPES – patricia.postali@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas; Programa de Pós-Graduação em Antropologia; - francisco.fpNeto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Na busca por uma essência do rural e do urbano, enquanto categorias genéricas, a Sociologia Rural se sustenta num conjunto de oposições e diferenças entre natureza/cultura, agricultura/indústria, etc. Maria José Carneiro (2008), ao tratar das diferentes posturas teóricas que alimentam o debate acerca do mundo rural na sociedade contemporânea, destaca três principais correntes: a) fim do camponês seria a expressão de um processo inevitável de urbanização dos espaços, como uma decorrência natural da evolução da sociedade; b) natureza como objeto de contemplação: permanência do rural como um espaço de bens naturais e, por fim, c) fim da dicotomia rural/urbano para qualificar realidades distintas: a partir da abordagem na noção de economia local ou regional¹.

Nessa perspectiva, muitas são as emergências que denotam ligação entre os *dois mundos*. No estudo aqui proposto se buscará uma aproximação com esse tema a partir da alimentação ecológica. Importante ressaltar que esse trabalho trata de uma proposta de abordagem do tema, o qual será trabalhado em maior profundidade em minha dissertação de mestrado.

Para além dos limites geográficos e estruturais da feira, o alimento ecológico se apresenta como um mediador, ou melhor, um elo entre: rural/urbano, natureza/cultura, produção/consumo. Nesse sentido, propõe-se considerar o alimento para além da ideia estrita de mercadoria, mas como coisas que podem invocar um espírito, uma força sobrenatural a elas concebidas, no sentido do que Mauss convencionou chamar de *hau* das coisas dadas. Especificamente no caso do objeto de estudo, essa noção espiritual é evocada a partir de categorias como *a força da natureza e energia*.

Um segundo ponto a ser tratado nesse ensaio aponta para uma relação dialética entre as coisas e as pessoas. Como apontam Leitão e Machado (2010), o mundo material também informa, media e cerca e talvez os estudos antropológicos não tenham dado a devida atenção aos processos de mediação realizados pelas coisas. Nesse sentido, compreende-se aqui que as escolhas entre um objeto ou outro, para além da materialidade das coisas, comunicam sentimentos e desejos. Assim, a possibilidade de trazer uma perspectiva dialógica entre coisas e pessoas nos aproxima da ideia, proposta por Latour (1994), de um reencantamento do mundo na vida *moderna*.

2. METODOLOGIA

O trabalho aqui proposto partirá da metodologia base da disciplina antropológica – a etnografia – em busca de uma leitura dos discursos e das

¹ Ver Sarraceno (1994) sobre a abordagem sustentada na economia 'local' ou 'regional' proposta por Carneiro (1998).

práticas dos atores sociais a partir do 'ponto de vista do nativo' (GEERTZ, 1997). Tendo em vista, que discurso e prática não são realidades que se opõem, um operando por distorção com respeito à outra; são antes pistas diferentes e complementares para a compreensão do significado (MAGNANI, 1986), entendo que a metodologia etnográfica, baseado na imersão exaustiva em campo, seja apropriada para aprofundar a interpretação do universo de significados dos agentes.

Primeiramente será realizado um levantamento bibliográfico proveniente de duas naturezas de informação: a) jornais e revistas e b) escopo teórico da própria Antropologia – especificamente das áreas da alimentação, rural e ambiental. Esse estudo servirá como base para a compreensão do contexto mais geral em que as narrativas locais estão sendo formuladas. Em seguida, o trabalho partirá para a pesquisa de campo. Os interlocutores da pesquisa partem do lócus da Feira Ecológica da Associação Arpa-Sul, na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul e extrapolam esse espaço. Pretende-se assim formar uma rede de interlocutores, a partir dos contatos que forem sugeridos por eles, a fim de ter acesso às relações dialógicas que ultrapassam as fronteiras da Feira Ecológica.

3. DISCUSSÕES

Antes de iniciar a discussão da abordagem aqui proposta, compreendo ser importante trazer o contexto do universo da feira ecológica a fim de elucidar ao leitor o objeto de estudo em questão. As feiras ecológicas na cidade de Pelotas são realizadas pela Associação Regional de Agricultores Ecologistas da Região Sul (ARPA-SUL). As feiras, que começaram modestas, hoje ganham proporções maiores. Já são 15 anos de realização das feiras em Pelotas e, em maio de 2012, a feira de Canguçu completou três anos de funcionamento no centro da cidade. Os principais cultivos oferecidos são hortaliças, frutas, produtos processados, entre outros. Essa rede de comercialização ocorre em diferentes pontos da cidade, três vezes na semana.

A partir da minha inserção em campo devido participação em projeto de pesquisa² durante graduação em Antropologia é que esse universo passa a motivar os problemas de pesquisa da minha dissertação de mestrado. É nesse sentido que passo a observar essas redes para além de relações estritamente de comercialização e procuro compreender *como* se constroem outros laços entre os agentes desse processo e *como* diferentes narrativas vão embasando a construção de uma cultura alimentar ecológica.

De antemão saliento que o circuito no qual se encontra a efervescência de uma cultura alimentar ecológica se constitui enquanto um híbrido. Ela reclama condições da vida passada – ancoradas em nostalgias do *bem viver* - e projeta mudanças para os riscos acionados pela vida *moderna*. Ao tratar da noção de *sociedade de risco*, a partir da perspectiva política, Ulrich Beck (1997) coloca a questão ecológica no centro da discussão. Como afirma o autor:

Ela transforma as coisas cotidianas, triviais e sem importância em testes de coragem em que o heroísmo pode ser exibido. Longe de intensificar e confirmar a insipidez da modernidade, as ameaças ecológicas criam um horizonte semântico de impedimento,

²A referência é à agenda de pesquisa “Saberes e Sabores da Colônia”, desenvolvida sob a coordenação da professora Renata Menasche, no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentação e Cultura (GEPAC), entre 2010 e 2013, através de dois projetos de pesquisa então vigentes: “Cultura, patrimônio e segurança alimentar entre famílias rurais: etnografias de casos significativos” (CNPq 559565/2010-0) e “Saberes e Sabores da Colônia: modos de vida e patrimônio alimentar entre pomeranos no Brasil meridional” (FAPERGS 1018354).

prevenção e ajuda. Este é um clima e um ambiente moral que se intensifica com o tamanho da ameaça, em que os papéis dramáticos dos heróis e dos vilões adquirem um significado cotidiano. (BECK, 1997, p.66)

Nesse sentido, a cultura alimentar ecológica transfere para o âmbito cotidiano práticas que reclamam mudanças, a iniciar nos modos de produção *limpos* passando pela comercialização *solidária* culminando no consumo *consciente* ou, para utilizar a expressão proposta por Portilho (2010), a *politização do consumo*. A cultura alimentar ecológica pode ser compreendida aqui, segundo Certeau (1994, p.41), como *maneira de fazer*:

[...] porque se trata de distinguir operações quase microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram o funcionamento por uma multiplicidade de “táticas” articuladas sobre os “detalhes” do cotidiano.

Entretanto, em meio a evocação de mudanças no plano das práticas cotidianas, a questão ecológica toma força no mundo moderno a partir da atribuição de significados em diferentes níveis da vida cotidiana. Como afirma Beck (1997), a questão ecológica penetra em todos os campos ocupacionais.

Nesse sentido, o alimento, o ecológico materializado, não só representa outras maneiras de lidar com a economia e a saúde de indivíduos, família e até do planeta, mas também evoca relações sobrenaturais com esse objeto. Muitos trabalhos, como Soares (1989), apontam para a carga espiritual que muitos adeptos de uma cultura *alternativa* acionam ao tratar das motivações para a migração a práticas ecológicas. Categorias como *energia, natureza e cosmos* são elementos chaves nos discursos que projetam, através da cultura alimentar ecológica, respostas às incertezas geradas na *sociedade de risco*.

Assim, a compra/venda se objetiva numa relação dialógica entre coisas e pessoas, produtores e consumidores, pessoas e cosmos. O alimento, como proposto neste trabalho, ultrapassa a dimensão de mero intermediário da sobrevivência do corpo humano e aciona dimensões importantes na construção de visões de mundo a partir da questão ecológica.

Nesse universo relacional, podemos nos aproximar do sistema analítico proposto por Mauss (2003), no qual as coisas trocadas possuem um *hau* (o espírito das coisas) e este se mantém ao longo da cadeia de circulação dos bens. Leitão e Machado (2010) apontam que os estudos antropológicos que tratam dos usos dos bens, nas últimas décadas, passam a ser trabalhados de maneira diferente. A polaridade entre *gift* e mercadoria é quebrada, pois se passa a compreender a mercadoria como sendo coisas que também são humanizadas ou personificadas. Nós somos humanos através de um mundo material que nos media, nos informa e nos limita, na mesma medida em que esse mundo material é classificado ordenado e interpretado (LEITÃO e MACHADO, 2010, p. 238).

Assim, para os agentes sociais a que se propõe estudar nesse trabalho, o ato de consumir alimentos *saudáveis* vai além de uma demanda da saúde do corpo. Incorpora elementos morais e éticos que transita em diversos níveis da vida cotidiana e, mediado por esses alimentos, novas redes de relações com coisas e pessoas vão sendo formuladas.

É claro, não quero essencializar aqui essas construções de significados em torno da questão ecológica. É evidente que não são todos os produtores e consumidores que são adeptos à cultura alimentar ecológica devido à uma compreensão cosmológica a partir do alimento. Entretanto, é importante salientar que a relação com as coisas e pessoas se modificam e é através dessas práticas e dos objetos que as pessoas incorporam significados às retóricas construídas às *redes de “vigilância”* (CERTEAU, 1994).

Por fim, numa perspectiva dialógica, podemos afirmar que as pessoas agem sobre os alimentos a partir do momento em que reivindicam produtos mais saudáveis e produzidos e comercializados numa rede local - em contraposição à uma ordem global da sociedade capitalista. Entretanto, o alimento também tem agência sobre as pessoas em diferentes esferas, tanto no plano das ações quanto das representações. Como exemplo, podemos citar as práticas alimentares que passam a se adequar aos ciclos naturais dos alimentos cultivados.

4. CONCLUSÕES

Nesse sentido, o trabalho aqui proposto inova no sentido de trazer reflexões que ajudarão a compreender o processo de emergência da questão ambiental na sociedade moderna, a partir de diferentes perspectivas. Sendo assim, realizar o percurso das redes globais às redes locais por meio da temática da questão ambiental possibilitará a compreensão de como a categoria *ecológica* passa a aparecer com tanto fervor na modernidade a ponto de interferir nas construções de visões de mundo e até nas práticas cotidianas dos atores sociais.

5. REFERÊNCIAS

- BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: **Modernização Reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997. pp. 11-69.
- CARNEIRO, Maria José. "Rural" como categoria de pensamento. **Ruris**, São Paulo, v.2, n.1, 2008.
- CERTEAU, Michel de. Introdução geral. In: **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2002. pp. 37-51.
- GEERTZ, Clifford. "Do ponto de vista dos nativos": a natureza do entendimento antropológico. In: **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, pp. 85-107.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994. 152p.
- LEITÃO, Débora Krischke; MACHADO, Rosana Pinheiro. Tratar as coisas como fatos sociais: metamorfoses nos estudos sobre cultura material. **Mediações**, Londrina, v. 15, n.2, 2010. pp. 231-247.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Discurso e representação, ou de como os Baloma de Kiriwina podem reencanar-se nas atuais pesquisas. In: CARDOSO, Ruth C. L. (org.) **A aventura antropológica**: teoria e pesquisa. , Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p.127-140.
- MAUSS, Marcel. Da dádiva e, em particular, da obrigação de retribuir os presentes. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p.185-314.
- PORTILHO, Fátima. **Sustentabilidade Ambiental, consumo e cidadania**. São Paulo: Cortez, 2010. 255p.
- SOARES, Luiz Eduardo. Religioso por natureza: cultura alternativa e misticismo ecológico no Brasil. In: **Sinais dos tempos**: tradições religiosas no Brasil. Org. LANDIM, Leilah. Rio de Janeiro: ISER, 1989. pp.121-144.